

O JARGÃO EVANGÉLICO: FORMAS SOCIOLINGUÍSTICAS QUE CONSTROEM A IDENTIDADE DOS EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS

Elizamara de Moura Coutinho¹

Juscelino Francisco do Nascimento²

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar alguns jargões do meio evangélico. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico, com base, entre outros, em Coelho (2010), Lima (2010), McCleary (2009), Coan e Freitag (2011), Labov [1972(2008)], Calvet (2002), Santana (2012), Lunardi (2005), Castell (2000), Assem e Gomes (2014); e a Bíblia Sagrada, na versão Bíblia do Obreiro (2014). Analisamos um *podcast* em forma de vídeo com participantes evangélicos. A partir desta análise, conclui-se que estas formas sociolinguísticas estão descritas em sua maioria no manual de fé e vida dos evangélicos, a Bíblia, e, assim como ela norteia a vida dos cristãos, também norteia a sua linguagem. Assim, cada termo estudado firma ainda mais a identidade desses indivíduos através de sua linguagem.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; Identidade; Jargões evangélicos.

1 INTRODUÇÃO

A língua diz muito sobre quem a utiliza: sua origem geográfica, sua classe social, seu grupo de pertencimento etc. A partir destes fatos é que surgiu a temática desta pesquisa, que parte do pressuposto de que a língua é determinante da identidade de quem a utiliza. Portanto, é possível identificar um cristão protestante pentecostal pela sua fala e, principalmente, quando esta fala é composta por termos específicos do grupo religioso.

¹ Aluna regularmente matriculada no Curso de Licenciatura em Letras/Português, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.
E-mail: elizacoutinho43@gmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre e Graduado em Letras/Inglês pela UFPI. Atualmente, é Professor Adjunto II da UFPI, Diretor do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, em Picos; Professor Formador do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD/UFPI), onde é Coordenador de Estágios do Curso de Letras/Inglês; e Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), da UFPI; e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: juscelino@ufpi.edu.br.

Atualmente, o meio evangélico e a doutrina de igrejas pentecostais, como a Assembleia de Deus, muito têm mudado e se modernizado ao longo do tempo. Assim, o que antes era utilizado por essa comunidade e era o seu principal meio de identificação, como a indumentária, hoje já não é mais. Por este motivo, há certa descaracterização de seus membros e esta pesquisa busca oferecer respostas que possibilitarão a caracterização deste grupo religioso, no meio social ao qual estão inseridos, por meio da língua.

Acredita-se que esta pesquisa possibilitará um conhecimento maior concernente à cultura evangélica pentecostal, sobre os usos e costumes dessa denominação religiosa e, principalmente, no que diz respeito à linguagem utilizada pelos participantes desta comunidade, pois, com este estudo, será possível entender também sobre a relação língua/religião.

Outro motivo que se levou a pesquisar sobre esta temática é a pouca quantidade de trabalho a esse respeito, pois há poucos estudos que trabalhem a linguagem e, especificamente, os jargões evangélicos. Um dos poucos estudos encontrados relacionados à temática foi o de Assen e Gomes (2014), em que eles sugerem que outros trabalhos sejam feitos, uma vez que a proposta é uma base para futuros estudos.

Para a realização deste trabalho, será investigada a presença de jargões característicos do meio evangélico em um diálogo espontâneo entre participantes (membros de uma igreja evangélica pentecostal) de um *podcast* em forma de vídeo, observando se estes jargões fazem parte da construção da identidade desse grupo. Primeiramente, serão selecionados alguns termos característicos desse meio encontrados na fala dos participantes. Serão explorados alguns estudos relacionados à linguagem evangélica e à sociolinguística, principalmente no que diz respeito às variáveis linguísticas e sociais; e, por fim, serão identificadas as características da cultura evangélica dos cristãos pentecostais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Pesquisar é gerar conhecimento, é trilhar caminhos para construir um novo saber. Para Fontelles, Simões, Farias e Fontelles (2009, p. 2), “a pesquisa científica é a aplicação prática de um conjunto de procedimentos objetivos, utilizados por um pesquisador (cientista), para o desenvolvimento de um experimento a fim de

produzir um conhecimento, além de integrá-lo áqueles pré-existentes”. Conforme Gil (2007, p. 17):

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Para se alcançar os resultados, é necessário percorrer um caminho, ou, de forma mais clara, é necessário definir uma metodologia, que está intrinsecamente ligada aos métodos que são selecionados e escolhidos para se atingir os objetivos da pesquisa. Consoante Gerhardt e Silveira (2009, p. 11), “metodologia científica é o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas”.

No que diz respeito à abordagem, esta pesquisa é qualitativa, pois não firma a sua atenção em números, e sim em entender um fato social, no caso, a língua. Nas palavras de Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Ainda conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 32):

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não- métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Quanto às características deste tipo de pesquisa, as autoras descrevem:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 32).

Em relação à natureza, é uma pesquisa básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 34). Em relação aos objetivos, é uma pesquisa exploratória, tendo em vista que assim como afirma Gerhardt e Silveira (2009, p.35), “este tipo de pesquisa tem como

objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

No que se refere aos procedimentos realizados nesta pesquisa, pode-se classificá-la como uma pesquisa bibliográfica, pois inicialmente foram analisados alguns estudos de autores como Coelho (2010), Lima (2010), McCleary (2009), Coan e Freitag (2011), Labov [1972(2008)] e Calvet (2002), que trabalham temáticas que envolvem a sociolinguística como um todo, bem como a sociolinguística variacionista. Outros autores estudados foram Santana (2012), Lunardi (2005) e Castell (2000), com trabalhos voltados para a língua como instrumento cultural e como processo identitário.

Por fim, foi pesquisado sobre o cristão evangélico pentecostal, tomando como exemplo o congregado da igreja Assembleia de Deus, no que diz respeito à doutrina e aos costumes que regem a sua forma de se comportar, de se vestir e também de falar. Para se obter informações relacionadas a estes assuntos, foram analisados os estudos de Assem e Gomes (2014), Gomes (2009), Silva (2003), Conegero (2002, 2015, 2016, 2022) e a Bíblia Sagrada, na versão Bíblia do Obreiro (2014).

Esta pesquisa também é considerada de campo, desenvolvida num ambiente digital, onde serão utilizados vídeos de domínio público. De forma mais detalhada, foi selecionado um *podcast* em vídeo localizado na plataforma Youtube, encontrado no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=f_1b-zYRBsg. O *podcast* é um meio de comunicação muito utilizado atualmente, são programas de áudio ou vídeos acessíveis em toda hora, uma espécie de rádio da internet, onde os programas podem ser baixados e ouvidos/vistos por inúmeras vezes e no momento determinado pela pessoa.

Nos dias de hoje, a maior parte dos *podcasts* são feitos em forma de vídeo, em que há um ou dois integrantes do programa e um convidado, que estabelecem um diálogo, abordando diversas temáticas que podem ou não estarem relacionadas ao convidado. Nas palavras de Luiz e Assis (2010, p. 1), “podscats são programas de áudio ou vídeo ou ainda uma mídia de qualquer formato cuja principal característica é sua forma de distribuição direta e atemporal chamada podcasting”. Os autores explicam o *podcast* de maneira bem detalhada, descrevendo a sua origem:

A expressão “podcasting” vem da junção do prefixo “pod”, oriundo de ipod (nome do mais popular tocador de mídia digital, fabricado pela empresa norte- americana Apple Computer), com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações que, quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio também pode ser chamado de radiodifusão (LUIZ, ASSIS, 2010, p. 1).

No *podcast* selecionado para a pesquisa, foram encontrados alguns jargões evangélicos presentes na fala dos participantes, e cada termo foi analisado minuciosamente, levando em consideração o contexto e tendo como base os estudos relacionados à sociolinguística variacionista, à língua na perspectiva identitária e o cristão evangélico protestante pentecostal, seus costumes e sua forma de falar.

3 SOCIOLINGUÍSTICA: SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

De acordo com Lunardi (2005, p.19), “a linguagem é o produto da interação social e, como tal, é um sistema de sinais convencionais desenvolvidos, ensinados e aprendidos socialmente”. A sociolinguística, ramo da linguística, é para a autora aquela que “[...] abrange uma investigação cientificamente fundada, visando ao esclarecimento dos diversos condicionamentos e efeitos dos atos de linguagem, em seu meio social”. Ou seja, é uma área de conhecimento que trabalha a língua como um fenômeno social, pois é ela quem estuda, analisa e comprova todos os aspectos da linguagem em seu contexto de uso.

De acordo com Coelho (2010, p. 14), “a Sociolinguística desponta nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como um de seus maiores expoentes William Labov”. A autora também afirma que:

Foi no início do século que começaram a germinar as sementes que viriam posteriormente- depois de cerca de meio século de domínio de correntes estruturalistas- a florescer e dar frutos no terreno fecundo da área de estudos da linguagem que ficou conhecida como Sociolinguística. Assim é que, a partir da década de 1960, como herança de Meillet, volta a ganhar força a noção de língua como fato social dinâmico, cuja variação é explicada pela mudança social, por forças externas, portanto. (COELHO, 2010, p.16).

Nessa direção, Lunardi (2005, p. 19) também aponta que:

A Sociolinguística abrange uma área de estudos que vai desde os problemas que surgem na comunicação dos indivíduos (seja no plano afetivo, psíquico, social, econômico, etc.), passando pela análise dos dialetos, questões de pronúncia e desenvolvimento linguístico da criança,

até a barreira linguística proveniente, muitas vezes, de concepções ideológicas, diferença de mentalidade, raça e posição social.

A sociolinguística não vê a língua de forma separada da fala, como anteriormente faziam os estudos estruturalistas, mas busca por analisar e estudar a língua falada, pois é na fala que se encontram inúmeras questões, como a diversidade linguística, e outras que podem ser explicadas à luz desta base de estudos. Conforme Lunardi (2005, p.22):

O objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social. O ponto de partida da sociolinguística é a comunidade linguística e, à medida que esta comunidade é estudada, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou variação, ou seja, em cada comunidade é característico o emprego de diferentes modos de falar que são considerados como as variedades linguísticas.

Conforme McCleary (2009, p. 6), “a sociolinguística [...] considera a variação linguística um fato que deve ser explicado”. Foi então a partir daí que surgiu a sociolinguística Variacionista, fundada também pelo linguista William Labov, que se debruçou nos estudos sistemáticos da língua em seu contexto social, adotando como método a quantitatividade. Por este motivo, a sociolinguística variacionista é também chamada de sociolinguística laboviana ou quantitativa.

“A sociolinguística proposta por Labov é aquela com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica” (Labov [1972] 2008, p. 184). Portanto, é a área de estudos que busca explicar o fenômeno da diversidade ou variação presentes na língua enquanto evento social.

Sobre este ramo de estudos, afirmam Coan e Freitag (2010, p.175)

A teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade.

A sociolinguística laboviana evidencia a língua como diversificada, e isto porque não há apenas uma comunidade de fala como modelo de excelência, mas inúmeras. Além de existirem diversas pessoas utilizando a fala para se expressarem cada uma de sua maneira, ainda uma só pessoa pode manifestar-se

de múltiplas formas em diversos momentos. Acerca disso, Brites e Barros (2018, p. 2) afirmam que:

Contrariando Chomsky, Labov diz que não existe uma comunidade de fala que seja ideal, ou falante- ouvinte ideal, mas que essas comunidades são heterogêneas, pois os indivíduos que nela interagem não se expressam do mesmo modo e o modo como se expressam nas diferentes situações também são diferentes. Seu ponto fundamental é a análise linguística no meio social, as variações que surgem do contato entre comunidades e a heterogeneidade linguística nos diversos contextos sociais.

Conforme Coan e Freitag (2010, p. 176), “quando Labov fala em heterogeneidade, refere-se à variação, mas está interessado na variação que pode ser sistematicamente explicada”. Ainda segundo as autoras, citando Labov ([1972] 2008, p. 78)

A variação sistemática é um caso de modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial.

Vale ressaltar que estas variações não impossibilitam um indivíduo de se comunicar com outro, mas, pelo contrário, enriquecem ainda mais esta interação. Nas palavras de Coelho (2010, p.25):

A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes. De fato, palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social, e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado representacional pelo qual disputam.

Quando se fala em variação, é importante distinguir dois termos nela presentes: variável e variante. A primeira diz respeito à esfera da língua que está em processo de variação, já a segunda refere-se às diversas maneiras que competem entre si para representar a expressão da variável ou, nas palavras de Calvet (2002), “variável, o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e variante, cada uma das formas de realizar a mesma coisa”. Coelho (2010, p. 26) usa um exemplo muito comum para elucidar os conceitos relacionados a estes termos:

[...] chamamos de variável o lugar na gramática em que localizamos variação, de forma mais abstrata – no caso, a variável com a qual estamos lidando é a da expressão pronominal da segunda pessoa do singular. Chamamos de variantes dessa variável as formas individuais que

“disputam” pela expressão da variável – no caso, pronomes tu e você.

No que concerne às variáveis, salienta-se que elas tanto podem ser linguísticas como sociais, visto que, na variação, os fatores linguísticos e sociais estão intrinsecamente ligados. Calvet (2002) usa o exemplo do substantivo “banheiro”, que pode ser substituída por “reservado”, “toaleta”, “latrina” etc, sem comprometer o sentido da expressão. Cada uma dessas formas pode ser utilizada de acordo com a faixa etária ou pela escala social do falante. O autor afirma que “uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos” (CALVET, 2002, p. 103).

A língua está condicionada a diversos fatores sociais. Segundo Coelho (2010, p. 28), “os condicionadores em um caso de variação são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante”. Para esta autora, “os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo” (COELHO, 2010, p. 28).

Observa-se o quão amplo e extenso é o campo dos estudos relacionados à língua e às variações que nela ocorrem. Contudo, conforme Brites e Barros (2018, p. 3):

O papel do sociolinguista é o de investigador, identificando as variações da língua interna e externamente, criando hipóteses e possíveis conclusões de aspectos sociais, e nesta ceara de conclusões, não há lugar para preconceitos e julgamentos.

3.1 LÍNGUA COMO PARTE DA IDENTIDADE

Para se conhecer a identidade de alguém, é necessário conhecer o meio social no qual ele está inserido, conhecer a cultura do lugar onde está localizado e também conhecer a linguagem utilizada por ele. Para um melhor entendimento, faz-se necessária uma explicação mais detalhada concernente à “identidade”. Para Castell (2000, p. 23-24):

[...] toda e qualquer identidade é construída. [...] A construção de identidades vale-se da matéria- prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por

fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como sua visão de tempo/espaço.

Lunardi (2005, p.32) afirma que a identidade é firmada potencialmente nas relações sociais, ou seja, para que um indivíduo firme a sua identidade, ele precisa se relacionar com o outro. Deste modo, pode-se observar que a linguagem está diretamente ligada ao processo de construção identitária de uma pessoa, visto que é por meio dela que se é possível estabelecer uma comunicação e conseqüentemente uma relação. Como afirma Santana (2012, p. 50), “a construção da identidade pode acontecer de diversas formas, principalmente através da linguagem. Isso por ser a língua parte social da linguagem e a linguagem manifestação do comportamento social”.

Para McCleary (2009, p. 44), “quando uma pessoa fala, você pode saber muita coisa sobre ela só por meio da sua maneira de falar”. É através da linguagem que é revelada a identidade de um sujeito, pois é por meio dela que ele expõe a sua cultura, as características do grupo social ao qual faz parte etc. Nas palavras de Santana (2012, p. 50), “o fato da língua ser condicionada e modelada pela realidade social e cultural faz dela também de índice por excelência de identidade, posto ser ela um determinante territorial e cultural de um povo”. Para Coelho (2010, p. 25):

As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre (i) o local de onde viemos, (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, (iii) quando nascemos, (iv) com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações.

Segundo Lima (2010, p. 9), “os grupos sociais se formam em função de traços identitários, índices de pertencimento. Crenças, valores, aparências e também a língua funcionam como índices de pertencimento”. Para Lunardi (2005, p. 29), “as identidades adquirem sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Portanto, a língua é um fator que além de contribuir para a construção de identidade, também aproxima pessoas, tornando-as parte de um grupo com propósitos e características semelhantes.

3.2 A CULTURA DO CRISTÃO PROTESTANTE PENTECOSTAL E A SUA FORMA

DE FALAR

O protestantismo foi um movimento que se declarou contra alguns ensinamentos da Igreja Católica, definindo-os como errôneos. Para os cristãos protestantes pentecostais, a vida precisa estar baseada na fé pentecostal, ou seja, crer que o poder sobrenatural de Deus pode agir diretamente na vida das pessoas através do Espírito Santo, bem como também precisa estar fundamentada na “santificação”, o que, na doutrina cristã, significa “separação”, ou seja, é estar separado do pecado, é renunciar a tudo aquilo que não agrada a Deus. Conegero (2017, p. 1) afirma:

Santificação é um processo progressivo e contínuo operado por Deus na vida daquele que foi regenerado, convertido e justificado. No processo da santificação o cristão é ensinado e moldado a viver cada vez mais para Cristo, numa vida de retidão conforme a vontade do Senhor [...] Palavras como “santificação”, “santificar” e “santidade”, derivam do vocábulo latino sanctus, “santo”. Por sua vez, esse vocábulo geralmente traduz o termo hebraico qadash, “separado”, “consagrado”, e o termo grego hagiasmos, “consagração” e “purificação”.

Este princípio da santificação está descrito na Bíblia Sagrada como imprescindível, pois sem ele não é possível alcançar o reino dos céus: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o senhor (Hebreus 12, 14); “Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver” (1 Pedro 1. 15). Jesus é descrito na bíblia como santo e, em decorrência disto, os seus servos também necessitam buscar a santidade.

Assen e Gomes (2014, p. 233) descrevem que:

O cristão evangélico, oriundo do protestantismo, sempre preconizou se diferenciar das demais crenças e religiões, principalmente do catolicismo romano. Muito desse pensar tem por base o pentateuco onde o sincretismo e a adoração a outros deuses se configurava como pecado e algo abominável a Deus, já escrito nas leis mosaicas. Não só nos ritos e comportamentos essa ‘separação’ é expressa e se evolui até os dias de hoje pela linguagem.

Essas diferenças são presentes no comportamento, na forma de enxergar a vida, na maneira de se vestir, bem como também na linguagem por eles utilizada. Como afirma Silva (2003, p. 34):

Para se reconhecer um membro da Assembleia de Deus era fácil: pela sua indumentária e maneira de se comportar e até de andar, os identificava como diferente, hoje, porém, tem ocorrido uma ruptura na identidade

estética e na aparência destes membros e nenhum crente desta igreja pode ficar isento desta influência [...].

Há alguns anos, a forma de identificação mais eficaz de um “crente pentecostal assembleiano” era a sua indumentária: roupas discretas, saias compridas e blusas sempre com mangas, unhas sem esmalte, cabelos grandes, sem nenhum tipo de acessório etc. Entretanto, atualmente, essa igreja tem passado por um processo de modernização, e o que antes era fator fundamental de identificação, hoje já não é mais. Nos dias de hoje, é possível ver com facilidade um indivíduo pertencente a esta denominação utilizando calças, de unhas pintadas e até mesmo com brincos nas orelhas. Silva (2003, p.13) descreve:

A Assembleia de Deus desde seu início no Brasil como movimento pentecostal estruturou-se como uma igreja de padrões rígidos de comportamento que diferenciou sempre em relação aos outros grupos de igrejas. Porém hoje, tem sofrido golpes tanto extremamente pela influência dos novos movimentos neopentecostais que postulam uma nova postura em contrário ao estereótipo que a Assembleia de Deus sempre divulgou como padrão para ser um crente, como também, internamente, causado pela postura e interpretação dos novos pastores em relação aos textos sagrados que os pastores pioneiros utilizavam para sustentar a doutrina dos usos e costumes.

No entanto, há algo que também é fator de identificação e continua bem presente nas vidas que fazem parte deste corpo religioso: a sua linguagem. Assen e Gomes (2014, p. 233) afirmam que “todo aquele que professa algum tipo de fé ou religião pode ser conhecido pelo falar”. Para esses autores, a linguagem é um fator que identifica os cristãos desta igreja. Segundo eles, “assim como há uma espécie de sincretismo religioso também surge uma linguagem própria para identificação de uma irmandade, os crentes” (ASSEN E GOMES, 2014, p. 235).

A linguagem cristã evangélica possui singularidades que a identificam como sendo própria deste grupo social e religioso, tais como os jargões. Assen e Gomes (2014, p. 232) destacam que:

Cada falante se insere no meio social pelo falar que o aproxima dos demais integrantes do grupo, além de seus gostos em comum. Sua linguagem passa a ser semelhante, e pelo advento das gírias e dos jargões, esse fator se torna ainda mais latente. Nessa interação que o ser humano verbaliza e simboliza pode-se perceber o tempo em que se fala.

Sobre os jargões, Gomes (2009, p.1981) afirma:

O termo jargão tem sua origem na Idade Média, entre os séculos XII e XIII.

Chaucer usava o termo para descrever o gorjeio dos pássaros, identificando-o como um tipo de discurso ininteligível, como um gargarejo. Em meados do século XVI, usava-se em inglês o termo gibberish (gorjeio) ou gabble (lengalenga) para designar o jargão, que já havia se espalhado por boa parte do mundo. Em português, utilizava-se o termo geringonça.

Assen e Gomes (2014, p. 237) definem jargão como “a representação do falar de um determinado grupo, de um certo tipo de pessoas que se comunicam e se identificam através da escolha de seu léxico”. Para McCleary (2009, p. 45), os jargões são como “uma linguagem específica para uma determinada atividade. Em geral, um jargão é marcado por muitas palavras ‘diferentes’, palavras que só são entendidas pelo grupo de pessoas que são especialistas naquela atividade”.

Assen e Gomes (2014, p. 236) apresentam a forma como os jargões se inserem no vocabulário dos evangélicos, sobretudo os pentecostais:

O pentecostalismo pode ser considerado, das três, a vertente que mais propaga as gírias do meio ‘gospel’. De longe, as raízes teológicas têm sua aplicabilidade duvidosa, porém devido ao culto mais espontâneo, onde as manifestações espirituais são mais propensas, os jargões surgem do cotidiano ministerial dos crentes, seja ele nos cultos, escolas dominicais ou sabatinas, reuniões nos lares, evangelismo, entre outros.

Os jargões evangélicos são, em alguns casos, termos presentes na Bíblia Sagrada e por ela são inspirados. Como os cristãos evangélicos protestantes têm este livro como o seu manual de vida e fé cristã, conseqüentemente eles apreendem estes termos, internalizando-os e tornando-os parte do seu vocabulário. Gomes (2009) expõe sobre o surgimento destes jargões evangélicos:

Os jargões evangélicos surgiram a partir do uso do texto sagrado da Bíblia, escrita em outra cultura. Num outro tempo e por outro povo. O uso frequente faz com que se utilizem tais expressões como identidade do grupo. São formas vernaculares que boa parte da população desconhece. É necessário o cuidado no uso recorrente deste tipo de vocábulo, pois no abuso no emprego de jargões cria uma barreira entre cristãos e não cristãos, inclusive com um vocabulário que identifica aqueles que dominam e os que não dominam o falar ‘espiritual’. (GOMES, 2009, p. 1801).

Neste sentido, é imprescindível que haja certo cuidado da parte do falante que utiliza estes jargões, para que sua linguagem não se torne incompreensível e para que não impossibilite a sua comunicação com outras pessoas. Entretanto, é possível entender que uma pessoa pertencente a esta denominação religiosa certamente utilizará estes termos em suas falas, em seus diálogos.

Ainda quanto a essa questão, Gomes (2009, p. 1981) destaca:

Os jargões são parte da identidade evangélica e não usá-los é praticamente impossível para os crentes. As conversas, os textos bíblicos e os cânticos estão impregnados com esses termos. Sem contar as palavras que ganharam certo status: “Gospel” por exemplo, é a palavra inglesa para evangelho, e durante muito tempo designou a música cristã negra americana. Mas, de uns tempos para cá, vem sendo utilizada em larga escala para caracterizar tudo o que diz respeito aos evangélicos, sobretudo à música. Outra expressão popularíssima, “Deus é fiel”, pode ser encontrada numa infinidade de produtos, como camisetas, canetas, adesivos para carro, agendas, gerando uma verdadeira indústria.

Diante do que foi exposto, é perceptível o quanto estes termos estão presentes na sociedade como um todo e que, embora a linguagem cristã seja ouvida por muitos, nem sempre ela será compreensível, dada a presença desses jargões.

4 ANÁLISE DOS JARGÕES

Esta análise foi realizada a partir da observação de um *podcast* em forma de vídeo, do canal “*Hub Podcast*”. A sua nomenclatura diz muito sobre o seu objetivo, “*hub*” é um dispositivo que é composto de vários equipamentos, e o objetivo deste programa é que várias pessoas com diferentes estilos e personalidades, mas unidos no mesmo propósito de falar sobre Deus e propagar a sua palavra, façam parte dele. O *Hub Podcast* foi criado em 2021 pelo cantor gospel Brunão (integrante de um ministério chamado Morada), o DJ e produtor musical Mëdna e o Mateus Vona (também integrante do Ministério Morada) e já possui mais de 240 mil inscritos e mais de 717 mil visualizações no seu canal oficial do *Youtube*.

O episódio escolhido para a análise foi o 119, publicado no dia 25 de julho de 2022, e que contou com a participação de Cassiane Santana Santos Manhães Guimarães, pastora da igreja Assembleia de Deus, compositora, produtora musical, empresária, mais conhecida popularmente como cantora gospel. Cassiane tem 49 anos de idade e desde os seus primeiros anos de vida dedicou-se à carreira gospel, louvando ao Senhor.

No *podcast*, a cantora fala sobre alguns temas relacionados à vida cristã, bem como relata parte do seu testemunho de vida e sobre a sua carreira. No diálogo entre ela e os integrantes do programa, foi possível perceber algumas marcas da linguagem evangélica pentecostal. A partir desta percepção, foram selecionados alguns jargões que serão descritos a seguir, levando em consideração o contexto de fala presente, bem como os outros contextos em que estes termos podem ser

utilizados.

“O FOGO VAI PEGAR, VARÃO”

No início do *podcast*, um dos integrantes, ao introduzir o vídeo com saudações, é questionado acerca da sua seriedade em iniciar o programa, e ele responde: “porque o fogo vai pegar, varão”. Contudo, é necessário que haja um esclarecimento e entendimento da frase. Dizer que “o fogo vai pegar”, para alguns, pode gerar uma certa confusão, pois, pelo sentido denotativo da frase, entende-se que aquele espaço está suscetível à ocorrência de incêndios. Entretanto, para os cristãos protestantes, sobretudo os pentecostais, dizer que o fogo vai pegar é dizer que o espaço será invadido pela presença espiritual de Deus.

O livro de Êxodo, capítulo 3 e verso 2, descreve que a presença de Jesus apareceu a Moisés através de um fogo em uma sarça: “E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia”. Neste versículo, o autor descreve que o anjo do Senhor se apresentou, entretanto ele deixa claro no versículo 4 que a presença do próprio Deus estava ali: “E, vendo o Senhor que se virava para lá a ver, bradou Deus a ele do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés! E ele disse: Eis-me aqui.”.

Na Bíblia, há muitos sentidos para a referência “fogo”, entretanto este é o sentido deste termo na frase dita no *podcast*, que a presença de Deus será manifestada naquele lugar através da participante, a Cassiane. Portanto, para eles, a cantora é uma pessoa que transmite a presença de Deus, e neste sentido é possível escutar também alguém desta comunidade religiosa dizer: “aquela cantora é fogo puro”, ou “aquele pregador é fogo puro”, definindo aquela pessoa como transmissora da presença de Deus.

Um termo muito conhecido e utilizado no meio evangélico e que está presente nesta frase é “varão”. E esta palavra não diz respeito a uma parte de uma bicicleta e nem a um varão de cortina, mas sim refere-se a um homem, servo de Deus e seguidor da Bíblia. O feminino de varão é varoa ou virago, e muito se ouve na comunidade evangélica alguns homens dizendo: “Estou à espera da minha varoa”, ou seja, ele não espera qualquer mulher para ser a sua esposa, ele espera uma varoa, uma mulher que seja serva de Deus assim como ele.

Estes termos são encontrados na bíblia sagrada. Em Gênesis 2. 23, após a criação da mulher, Adão faz a apresentação da mesma:” E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada”. Em outras versões de bíblias atualizadas, os termos varão e varoa são substituídos por homem e mulher.

“Oh, GLÓRIA!”

Nos momentos iniciais do programa, a cantora, ao ser apresentada e saber que ela era uma participante muito requisitada pelo público, expressa: “Oh, glória!”. Percebe-se que esta expressão é uma das mais faladas pela Cassiane, pois é utilizada 5 vezes em diferentes contextos e de diversas formas: “glória a Deus”, “oh glória”, “eita glória”. Entretanto, o sentido sempre é de agradecimento e exaltação a Deus. Conegero (2022, p.1) descreve este termo, tendo como base o Antigo e o Novo testamento da Bíblia Sagrada:

No Antigo Testamento, o termo mais comumente traduzido pela palavra “glória” é o hebraico *kabowd*. Esse termo transmite o significado de “peso”, “carga”, “reputação”, “dignidade” ou “honra” [...]. No Novo testamento, a palavra “glória” frequentemente traduz o grego *doxa*. O significado básico desse termo grego implica no “sentido e opinião”, “julgamento” ou “ponto de vista” a respeito de alguém. Mas essa palavra também é usada para comunicar o significado de “reputação”, “fama” e até “esplendor”.

Observa-se que a Bíblia significa a expressão analisada como uma forma de enaltecer a grandeza de Deus e reconhecer a sua honra, dignidade, majestade e poder. Há um versículo bíblico encontrado no livro de Romanos, no capítulo 11 e verso 36 que diz: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas, glória, pois, a ele eternamente. Amém!”. Portanto, quando Cassiane utiliza esta expressão, ela está reconhecendo que Deus é digno de ser glorificado pelos seus atributos em todas as situações.

“ALELUIA”

Esta é outra expressão comumente utilizada pela cantora. Ela usa a palavra “aleluia” 4 vezes, e uma delas é quando ela conta a sua experiência em um programa de televisão, quando é advertida a não usar expressões como “glória a Deus” ou “aleluia”, e logo após cantar, todos no programa estavam emocionados, e

ela expressa: “Oh aleluia”. Conegero (2015, p.1) também traz uma explicação para este vocábulo:

Aleluia é uma transliteração do termo grego “Allelouia”, porém esse termo grego também é uma transliteração do termo hebraico “Halleluya” muito utilizado na liturgia hebraica. Esse termo hebraico significa “Louvem a Yah”. Perceba que sua composição é formada por duas palavras: “Hallelu”, que significa “louvem”; e “Yah”, que é uma variação do nome próprio de Deus utilizado no Antigo Testamento. Yah significa “Senhor”, e é uma abreviação de Yaweh, transliterado no português como “Jeová”.

Pelo que é possível perceber, este termo, assim como o “oh glória”, também é usado em momentos de enaltação a Deus, a diferença é que quem fala “Oh glória” está ele mesmo exaltando a Deus, e a expressão “aleluia”, o falante usa, reconhecendo que Deus merece ser adorado e, por isso, instiga as pessoas a prestarem adoração e louvor a Deus. Foi exatamente isso que a cantora fez no programa de televisão.

Um dos livros da Bíblia Sagrada em que seus autores usam muito a expressão analisada é o livro de Salmos, composto de orações poéticas e hinos. Salmos 113, verso 1 diz: “Aleluia! Louvem, ó servos do Senhor, louvem o nome do Senhor!”. Outro versículo do Salmo 106 traz: “Aleluia! Deem graças ao Senhor porque ele é bom; o seu amor dura para sempre”. Os versículos deixam nítido o sentido de “adorar e motivar a adorar”.

“IRMÃ DO COQUE”

No decorrer do programa, a convidada conta o seu testemunho de vida: quando tinha apenas 11 meses ela perdeu a vida e Deus a devolveu. Foi nesse contexto que ela cita o nome da irmã Janete, ou como ela mesma a identifica, “a irmã do coque”, também chamada de “irmã da revelação”. Pela situação descrita, é possível analisar que esta mulher era assim chamada porque tinha um relacionamento profundo e íntimo com Deus e em decorrência disto transmitia um certo poder sobrenatural. Esta senhora tinha também uma fé inabalável, a tal ponto de acreditar que Deus ressuscitaria a cantora que até então era uma criança recém-nascida.

Não há muitos estudos que tragam explicações sobre esta expressão, entretanto há no site “Rede Conexão Cristão” uma matéria que tem como tema “O segredo das senhorinhas do coque”, disponível no site a seguir: <https://redeconexao.wordpress.com/2017/03/05/o-segredo-das-senhorinhas-de->

coque/ . Nesta matéria, o autor (não mencionado) conta de alguns episódios de sua vida, suas orações em que pedia respostas a Deus, e com um tempo depois elas chegavam através da “irmã do coque”, que como ele mesmo define, “São aquelas que vêm com o dedo apontado pra cima e dizendo ‘assim diz o Senhor’, e fala uma profecia ou algo do tipo”. Ele descreve na matéria que o principal motivo para que mulheres como aquela fossem usadas dessa forma é o fato de possuírem um nível elevado de intimidade com Deus.

É importante salientar que a nomenclatura usada para se referir a este tipo de mulher também diz respeito ao aspecto físico dela, ou seja, era uma senhora que usava um coque no cabelo e se vestia de maneira simples e modesta, bem como revela o seu caráter sincero, verdadeiro, e a sua personalidade firmada na ousadia espiritual.

“MISERICÓRDIA”

Este jargão é usado quando a cantora relata que por mais que tenha anos de carreira, todas as vezes que vai cantar ela diz: “Jesus, tem misericórdia!”. Primeiramente, há uma necessidade de entender o significado da palavra “misericórdia”. Conegero (2016, p.1) afirma:

No português, a palavra misericórdia vem da junção de duas palavras latinas, no caso, *miseratio* que deriva de *misere* e significa “compaixão”, e *cordis* que significa “coração”. Logo, misericórdia significa algo como “coração compadecido”, no sentido de ter compaixão pelo sofrimento e a dor de alguém.

Na Bíblia, umas das características atribuídas a Jesus é a de ser misericordioso, desde o início até o fim dos seus anos aqui na Terra. O salmo 145, versos 8 e 9, diz que: “O Senhor é clemente e cheio de compaixão, tardio em irar-se e grande em misericórdia. O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras”. Em vista disso, é nítido que todas as ações de Deus são cobertas de compaixão.

Em Lamentações 3, 22, Jeremias afirma: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim”. A partir deste versículo, entende-se que se não fosse pela compassividade de Deus, o ser humano estaria destinado à morte, por isso há uma necessidade de clamar pela

sua misericórdia. Na fala da cantora, observa-se que há um entendimento por parte dela, pois ela reconhece que precisa pedir misericórdia, portanto, esta expressão é utilizada para admitir a sua dependência do Deus compassivo em todos os momentos e em todas as situações, por mais simples que sejam.

“EU DOU LUGAR”

Falando em ser um instrumento de Deus, a cantora afirma: “Não importa onde eu esteja, eu dou lugar, eu quero ser usada”. Pela própria oração, pode-se atribuir um sentido a esta expressão, pois a participante deixa claro que quer ser usada por Deus independentemente do lugar onde esteja, e para isso, ela “dá lugar”. Entretanto, para algumas pessoas, esta fala pode soar de forma confusa, visto que lugar diz respeito a um espaço ou a uma posição.

Mas não é que ela está oferecendo diretamente o seu espaço ou a sua posição a Deus. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Efésios, no capítulo 2 e versículo 22, declara: “No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito”. A bíblia traz uma ressignificação para o termo “moradia”. Não se trata de onde Deus mora, mas em quem ele mora, defendendo a ideia de que Deus habita dentro dos seus servos através do Espírito Santo, ou seja, eles são a sua moradia. Contudo, quando a cantora diz que “dar lugar” ela está afirmando que é moradia de Deus e que por isso, ele tem liberdade para usá-la da forma como quiser e onde quiser, e por consequência disto, o espaço externo onde ela estiver presente, também será invadido pela presença de Deus.

“EM NOME DE JESUS!”

Dialogando sobre a sua carreira gospel, a cantora Cassiane deixa claro que ainda está em plena atividade, e complementa: “Em nome de Jesus, vou ficar até quando Deus quiser!” Pelo contexto, é possível observar que a expressão é utilizada diante de um pedido: continuar com a sua carreira gospel até quando Deus permitir.

No livro dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 4 e verso 30, o evangelista Lucas, pedindo a Deus em favor dos seus servos, exclama: “Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas por meio do nome do teu santo servo Jesus”. Pelo texto, é entendido que o nome de Jesus tem poder, por este motivo, quando se

faz um pedido a Deus, é necessário invocar o nome de Jesus. No Novo Testamento, há muitos episódios em que os discípulos usam o nome de Jesus para a realização de milagres.

Paulo também adverte na sua carta aos Colossenses no capítulo 3 e verso 17: “Tudo o que fizerem, seja em palavra seja em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai”. A partir destes pressupostos e levando em consideração que a participante usou a expressão fazendo um pedido, e que também a bíblia sagrada é o seu manual de vida e fé, é compreensível o sentido do jargão “em nome de Jesus” no dado contexto.

“É MISTÉRIO”

Durante o diálogo, Cassiane também conta de quando foi ao médico e ele estudou a sua voz e afirmou que ela era uma das poucas pessoas que têm a voz rouca, mas possui uma potência vocal muito grande, e em virtude desta afirmação ela responde: “É mistério”. Pelo contexto entende-se que a cantora utiliza a palavra como uma forma de dizer ao médico que não há uma explicação para o fato que ele lhe apresentou.

Quando se analisa este termo com base no seu sentido religioso, entende-se que é algo oculto, inacessível a razão, mas alcançado por meio da fé. Portanto, a palavra “mistério” é utilizada para se referir a tudo aquilo que contempla a grandeza de Deus e a sua forma sobrenatural e inexplicável de agir.

Um dos episódios bíblicos que representam essa questão é o descrito no livro de Daniel no capítulo 3, onde os jovens Sadraque, Mesaque e Abede-nego foram lançados em uma fornalha por desobedecerem a uma ordem do rei Nabucodonosor, e o capítulo retrata que quando o rei olhou não tinham apenas 3 homens, mas 4, e nenhum deles estavam sendo consumidos pelo fogo. Um acontecimento que representa, assim como muitos descritos na bíblia, um mistério, algo inexplicável racionalmente, mas que se olhados por meio da fé, podem ser explicados.

“CHAMADO”

No decorrer da entrevista, um dos integrantes do *podcast* direciona um

questionamento para a cantora gospel: Como foi ter que deixar a família em casa para ir cumprir o seu “chamado”? Este jargão é empregado dentro do diálogo 3 vezes em diferentes contextos, e em todos eles sempre obtendo o mesmo sentido de missão, propósito.

Ao ouvir esta expressão algumas pessoas podem senti-la desconexa, tendo em mente que na maioria das vezes a palavra “chamado” estão inseridas em outros contextos, como na frase “José é chamado de Filho de Adão”, ou em “Se eu soubesse que estava lá, eu teria te chamado”. Entretanto, na linguagem evangélica a palavra é atribuída a algo mais profundo, a uma convocação vinda do próprio Deus.

Na carta de Paulo aos Romanos, no capítulo 8 e versículo 28, o autor diz: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Aqui entende-se que tudo coopera para o bem de pessoas que decidem viver o propósito divino de andarem baseados no amor de Deus e que também escolhem levar esse amor.

O que se entende é que cada pessoa possui um chamado individual para que se cumpra o chamado coletivo. No caso da cantora, o chamado dela diz respeito a música, a louvar a Deus e a partir disso, cumprir o chamado coletivo, que está descrito no evangelho de Marcos, capítulo 16 e verso 15: “E disse-lhes: Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. Este é o chamado coletivo de Deus, onde ele convoca a todos os seus servos a levar a sua mensagem através de ferramentas dadas por ele mesmo. A própria cantora Cassiane durante o podcast disse que “sua voz é a sua arma”.

“TÁ REPREENDIDO”

Cassiane conta no podcast que um dia foi indagada a respeito de como ela se sentia sendo “essa febre”, e ela respondeu: “Tá repreendido, porque febre é sinal de doença e o que Deus me deu não é doença!” Analisando o diálogo, é perceptível que a cantora é uma mulher que leva muito a sério a sua vida com Deus, bem como também leva as palavras ao pé da letra, por este motivo ela leva o termo “febre” no seu sentido literal, e logo repreende quem a questionou.

E é exatamente este o sentido da expressão “tá repreendido”, utilizada na fala

da cantora, advertir e principalmente repreender algo que aos seus olhos não era bom. “Tá repreendido” também pode ser substituído por “Tá amarrado”. Na primeira carta de Paulo a Timóteo, capítulo 5 e verso 20, ele diz ao seu amigo: “Quanto aos que vivem na prática do pecado, repreende-os na presença de todos, para que os outros, de igual maneira, se encha de temor”.

É possível entender que para os falantes desta denominação religiosa, a palavra tem um certo poder, e levando em consideração este sentido, compreende-se que o jargão é empregado para neutralizar as más atitudes ou ainda as palavras usadas para causar mal a alguém. A partir do momento que alguém diz “tá repreendido!”, ela censura todo o mal, seja ele físico ou espiritual, que motivou um indivíduo a falar algo ou a agir de forma malevolente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa diz respeito ao fato de que a língua é um fator social que coopera diretamente na construção da identidade de um indivíduo. Quando se ouve alguém falar, é possível identificar quem ele é e onde ele está inserido, e principalmente se há em sua linguagem marcas próprias da sua comunidade. No caso da linguagem evangélica, os jargões.

Durante toda a análise, é perceptível que os jargões que foram utilizados no *podcast* também estão presentes na Bíblia Sagrada, que é o manual de fé e vida deste povo. A Bíblia auxilia ao seu seguidor a construir a sua identidade baseada nela, portanto se a sua vida tem fundamentos nela, a sua linguagem consequentemente também terá. A partir disso, entende-se que os jargões são formas sociolinguísticas que estão inseridas na linguagem dos evangélicos, e a sua linguagem constrói a sua identidade.

REFERÊNCIAS

- ASSEN, Wagner Pavarine. GOMES, Nataniel dos Santos. O Jargão Evangélico: Aspectos Sociolinguísticos das Expressões do Cristão de hoje. Cadernos do CNLF, Vol. XVIII, Nº 12- Sociolinguística, Dialetologia e Geografia Linguística. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.
- CASTELL, M. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. V. 2. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. Sociolinguística. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

GOMES, Nataniel dos Santos. **Descrição do falar evangélico do Rio de Janeiro**. Cadernos do CNFL, Vol. XIII, Nº 04. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009, p.1981.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística** / Geralda de Oliveira Santos Lima, Raquel Meister Ko Freitag – São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

LUNARDI, Márcia Lise. **Língua, cul/tura e identidade** : 2º semestre / Márcia Lise Lunardi, Graciele Marjana Kraemer. – revisão pedagógica e de estilo Profª Ana Cláudia Pavão Siluk ... [et al.]]. – 1. Ed. - Santa Maria : Universidade Federal de Santa Maria, Pró- reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005.

MCCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Licenciamento e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

SANTANA, Joelton Duarte. Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua – Vidas em Português. Universidade Federal da Paraíba, PROLING, 2012.

SILVA, Cláudio José da. A doutrina dos usos e costumes na Assembleia de Deus. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, 2003.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino . Domínios de Lingu@guem, [S. I.] v. 4, n. 2, p. 173- 194, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/view/11618>. Acesso em: 4 set. 2022.

Calvet, Louis- Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica / Louis- Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola, 2002.

CONEGERO, Daniel. O que é santificação? Qual o significado da santidade na bíblia? Estilo adoração, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/estiloadoracao.com/o-que-e-santificacao/amp/> . Acesso em 12 de setembro de 2022.

Bíblia do Obreiro. Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Barueri, SP.

FONTELLES, Mauro José; SIMÕES, Marilda Garcia; FARIA, Samantha Hasegawa; FONTELLES, Renata Garcia Simões. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Artigo publica nas revistas do Centro de Estudos Computacionais- CERCOMP, da Universidade Federal de Goiás-GO. 2009. Disponível em: https://files.cercomcup.ufg.br/weby/up/150/o/anexo_C8_NONAME.pdf . Acesso em: 18 de setembro de 2022.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul.

CONEGERO, Daniel. O que significa glória na bíblia? Saiba o significado bíblico de glória. Estilo Adoração, 2022. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/estiloadoracao.com/gloria-significado-biblico/amp/>. Acesso em 04 de outubro de 2022.

CONEGERO, Daniel. O que significa Aleluia? Estilo adoração, 2015. Disponível em:

<https://www.google.com/amp/s/estiloadoracao.com/o-que-significa-aleluia/amp/>.

Acesso em 04 de outubro de 2022.

O SEGREDO DAS SENHORINHAS DE COQUE. Rede Conexão Cristão, 2017. Disponível em: <https://redeconexao.wordpress.com/2017/03/05/o-segreto-das-senhorinhas-de-coque/>. Acesso em 04 de outubro de 2022.

CONEGERO, Daniel. O que significa misericórdia? Estilo adoração, 2016. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/estiloadoracao.com/o-que-significa-misericordia/amp/> . Acesso em 04 de outubro de 2022.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, Elizamara de Moura Coutinho Barbosa,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O jargão evangélico: a construção da identidade
de dos cristãos protestantes pentecostais.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 31 de julho de 2023.

Elizamara de M. Coutinho Barbosa
Assinatura

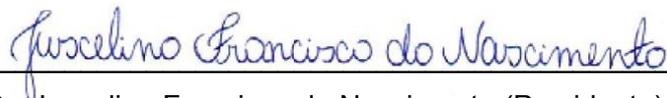
Elizamara de M. Coutinho Barbosa
Assinatura

ELIZAMARA DE MOURA COUTINHO BARBOSA

**O JARGÃO EVANGÉLICO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS
CRISTÃOS PROTESTANTES PENTECOSTAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Aprovado em 22 de outubro de 2022.



Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente) Universidade
Federal do Piauí – UFPI



Profa. Me. Jislaine da Luz (Primeira Avaliadora) Universidade
Federal do Mato Grosso – UFMT



Prof. Me. Manoel Crispiniano Alves da Silva (Segundo Avaliador)
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS